

Dupla titulação em Direito na Alemanha: o que esperar?

Sergio Ruy David Polimeno Valente*

Ter uma experiência acadêmica no exterior era uma vontade antiga, e neste ano pude finalmente colocá-la em prática. Como aluno de doutorado da Faculdade de Direito da USP, estou vivendo na Alemanha desde o começo de 2022, pesquisando e estudando na Universidade de Hamburgo (UHH), no âmbito de um convênio individual de dupla titulação entre as duas universidades. Escolhi a UHH por causa de sua relevância no meu campo de estudos, mas ressalte-se que a instituição está mais em voga do que nunca: um de seus professores ganhou o Prêmio Nobel ano passado (o quinto da história da instituição), e vários membros do atual governo alemão são seus ex-alunos, incluindo o Chanceler Olaf Scholz, egresso dos bancos da Faculdade de Direito.

Às altas e naturais expectativas somou-se uma inevitável idealização quanto ao país e à universidade, agravada pelo “complexo de vira-lata” que reputo indissociável da minha identidade de brasileiro: aqui – pensei na minha chegada - tudo deve ser melhor, mais eficiente e avançado, e a grama só não é mais verde do que a nossa porque está nevando!

Passados quase 8 meses e um semestre acadêmico completo, são muitas as lições que já tive, algumas delas importantes para alterar essa forma de enxergar as coisas, e que somente a vivência do dia-a-dia poderia me proporcionar. Em uma palestra promovida pelo Centro Acadêmico, por exemplo,

fui apresentado às mazelas do sistema judicial penal alemão e percebi como o acesso à Justiça é extremamente dificultado a pobres e imigrantes, porque não há Defensoria Pública ou mesmo advogados para todos. Em outra ocasião, durante uma aula sobre pesquisa quantitativa em Direito, pude ver a reação admirada de colegas quando mostrei como são facilmente acessíveis as decisões judiciais brasileiras por meio de pesquisa e download nos sites dos tribunais, sendo que por aqui a coleta desse material é muito mais complicada e sujeita a imprecisões. São apenas dois pequenos exemplos de um vasto conjunto de experiências que me fazem ver a Alemanha de uma forma mais realista, como uma sociedade muito avançada, mas que também possui grandes desafios, ainda que diferentes dos nossos.

Quanto à vida acadêmica local, há que se ressaltar alguns aspectos muito positivos: as bibliotecas são ótimas, a estrutura física excelente e muito bem integrada à cidade, e as aulas e atividades tratam sempre do que há de mais moderno nas respectivas matérias. Tudo isso é potencializado pelo convênio de dupla titulação, na medida em que conto com o apoio de um professor orientador alemão (além da minha orientadora no Brasil) e de todos os serviços acadêmicos disponíveis aos alunos regulares.

Constatai também o quão parecidas são as duas universidades em muitos aspectos, desde a estrutu-





Edifício principal da Universidade de Hamburgo, construído em 1911.

ra organizacional até os programas e bibliografias dos cursos jurídicos, e como a USP é reconhecida e respeitada na comunidade acadêmica alemã.

A comparação, porém, é inevitável, e nesse sentido há dois pontos em que a UHH tem muito a nos ensinar: o suporte dado aos pesquisadores e a permanente internacionalização das suas atividades. No primeiro caso, observa-se ser comum que doutorandos e “pós-doutorandos” sejam empregados (bem) remunerados da instituição, integrando equipes que trabalham em conjunto com titulares das cadeiras, e também em seus próprios projetos individuais. Isso quando os alunos não são contemplados com bolsas de estudo integrais, como ocorre no programa de doutorado estruturado da Faculdade de Direito. No segundo, impressiona o número de alunos e pesquisadores internacionais frequentando aulas e eventos da universidade, e como a presença deles, trazendo suas vivências, conhecimentos e experiências para a sala de aula, torna o ambiente cosmopolita e fervilhante de ideias renovadoras.

E encerro este relato com uma reflexão: se a questão do apoio material a alunos e pesquisadores é mais complexa de se resolver, por se tratar de crônico problema de financiamento do ensino e pesquisa brasileiros, nada impede que a USP (e em especial a Faculdade de Direito) possa se tornar um grande centro para alunos e pesquisadores internacionais. Ela não deve nada às instituições de ensino superior daqui, bastando que se criem condições um pouco mais atrativas para que os estrangeiros frequentem cursos e façam pesquisa. Durante meu período no exterior, tenho procurado aproveitar ao máximo todas as oportunidades e convites que recebo. Mas, ao mesmo tempo, não consigo deixar de pensar em tudo o que nós - a USP e o Brasil - também temos para mostrar e oferecer.

* Sergio Ruy David Polimeno Valente (spv@usp.br) é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Direito (FD-USP).